DIÁRIO POLIFÔNICO

Veja em detalhes os registros de uma imersão na cultura brasileira escrito pelos próprios artistas.

Y Barca

Este diário é dividido em cores, assim você saberá quem está falando.

Juçara Marçal

Lincoln Antonio

Olindo Estevam

Renata Amaral

Sandra Ximenez

Thomas Rohrer

Mário de Andrade, "Turista Aprendiz"

Y Barca

19/12/04

Saída da casa do Lincoln para o aeroporto de Cumbica, de lá pra Belém, de Belém para o resto do Brasil. Ansiedade, expectativa, alvoroço, frio na barriga. Sei da transformação a que vou de encontro, mas não sei onde ela me leva, rédeas inúteis.

SANTARÉM NOVO – PA

20/12/04

Saímos de Belém pela manhã em direção a Santarém Novo. Na estrada, parada com direito a unha de caranguejo e suco de taperebá. Em Santarém Novo fomos recebidos com fogos de artifício, uma festa. Uma emoção começar a encontrar rostos que estavam tão distantes na memória de repente assim tão próximos, tão calorosos. Santarém Novo foi a primeira cidade onde tivemos uma experiência de campo, quando conhecemos o carimbó de lá em 1999. Pra completar almoçamos no restaurante da dona Ana. Sua comida tinha se tornado algo quase lendário em minha memória: sinônimo de delícia, de cuidado, de simplicidade e fartura. Almoçamos em equipe, decidindo como seria o início das gravações.

A primeira foi a dos PRETINHOS, brincadeira feita só por rapazes. Eles saíram do Centro de Solidariedade cantando e tocando pelas ruas da cidade, até chegar ao local de gravação. São formadas duas fileiras com os meninos vestidos de vermelho e pintados de preto. Tinta com banha de porco – antigamente o que se usava para tingir a pele dos rapazes de preto. Hoje, tinta guache. De um lado, as "pretinhas", de saia e touquinha. Do outro, os "pretinhos", com calção até o joelho e touquinha de Saci. As personagens de Mãe Maria e Pai João, com roupas diferenciadas, encabeçam respectivamente as filas de meninas e meninos. Todos com remos na mão.

Boas músicas em coreografias ingênuas, instrumentação de carimbó mais leve, algumas variações, valsa, xoteado. Gravamos à beira rio, igrejinha em frente, aquele trabalho puxado que não desgasta, não estraga, que o ar paisagem vai tratando.

Segunda gravação foi a do REI CARIONGO, no Centro de Solidariedade, à noite. Este Rei Cariongo é uma dança dramática muito parecida com o Congo recolhido por Mário de Andrade em Natal em 1928. Dom Henrique, Rei Cariongo, é desafiado pelo embaixador mouro que lhe declara guerra. O Rei é feito por Ticó. Alternam-se canções e diálogos, as embaixadas. Luta de espadas entre os dois cordões (azul e vermelho). Um misto de épico e comédia, porque a ação é pontuada pelas pândegas do Rei com seus filhos, o embaixador mouro e o Duque de Poesia, o homem mais forte e mais valente de toda a Turquia.

Ticó eufórico ao fim do auto, que mobilizou a cidade e lotou o Centro de Solidariedade. Até tio Celé e Tio Neco, o antigo (e surdo) Rei Cariongo foram assistir, com direito a TV de Belém e tudo o mais.

— Ticó, você tava ótimo!

— Graças a Deus, eu sempre fui uma pessoa maravilhosa...

— Falando do começo da festa, agora são onze dias sem dormir...

— Quem for podre que se quebre!

Fim da brincadeira e o Centro se esvazia com uma rapidez surpreendente.

21/12/04

Alvorada. 5 da manhã. Início oficial da Festa do CARIMBÓ da Irmandade de São Benedito. Chegamos à casa do festeiro do primeiro dia, que será juiz do mastro e da bandeira. Primeiro dia é de promessa precisada de cumprir, o festeiro é Willimes Corrêa, filho de um caboquinho caprichoso curado pelas graças do santo preto.

Choupaninha avarandada na palhoça, na mesa o café doce, o beiju chica e cachaça, gengibre e batidas em garrafão de cinco litros esvaziado rapidamente, simétricos à animação crescente.

...E os tambores soberanos. Candinho e Ticó puxam as toadas, três tambores, reco-reco, triângulo,

afoxé. Ticó nos maracás. Eles vão se alternando nos instrumentos. 6h30 em ponto termina a alvorada.

Mais tarde, voltando do passeio a Peri-Meri, nos encontramos com seu Bené, rabequeiro da região. Ele fez sua própria rabeca de madeira de jaca. "eu aprendi de minha autoria mesmo".

Às 16h, os homens seguem para o local onde o mastro será preparado. Um grande tronco de árvore é enfeitado com folhagens, bananas, jacas, cocos. O mastro é carregado até o barracão, fazendo um percurso que pontua os lugares mais importantes da cidade: prefeitura, o Centro de Solidariedade, as igrejas. O mastro chega por volta das 18h. É levantado em frente ao barracão ao som do carimbó.

Show da Barca às 22h. Abrimos tocando para a entrada do festeiro. Depois do show, começa o baile. É uma alegria que literalmente contagia. Os meninos se animaram muito. Lincoln investindo na dança, de paletó branco elegante, disputadíssimo em seguida por Chico, André e Thomas (expulso do salão pela falta de gola), todos dançarinos empenhados, uma delícia. É um baile com protocolo: homens de paletó e gravata e mulheres de blusa com manga.

Desmontagem penosa às quatro horas da manhã. TUDO muito coberto da poeira do salão. Estamos apenas na primeira cidade...

BELÉM – PA

Belém, 23 de maio de 1927 – Belém me entusiasma cada vez mais. O mercado hoje esteve fantástico de tão acolhedor. (...) Tenho gozado por demais. Belém foi feita pra mim e caibo nela que nem mão dentro da luva.

Estou me lembrando de uma idéia que tive certa vez. Não vê que possuo um tio bem brasileiro que quando construiu a casa dele numa chacra que é o pé mimoso de Araraquara, logo mandou fazer um quarto-de-hóspedes batuta com tudo o que há de bom no mundo. Me hospedo sempre na casa dele e só vendo que gostosura aquele apartamento bem com tudo o que a gente carece pra viver sem falta. Porém meu tio é catatau e instalou todas as coisas baixinho. No banheiro, cada cabidão niquelado, a lâmpada por cima do espelho de fazer a nossa barba, em tudo eu manguari andei corcunda e assim mesmo dando cabeçada duma conta. Numa dessas batidas é que a idéia fagulhou e acho que descobri a razão dos erros dos homens. Deus criou a gente e nos deu uma alma à imagem da d'Ele. Mas Deus não tem corpo como se sabe e a alma nossa grandiosa feito a de Deus veio muitas vezes parar num corpo desencontrado no tamanho. É por isso que muita gente anda de alma corcunda dentro do corpo e muita outra anda dando cabeçadas por aí... Não tem guerê nem pipoca, é isso mesmo.

Em Belém o calorão dilata os esqueletos e meu corpo ficou exatamente do tamanho de minha alma.

22/12/04

Chegada a mil, na função, rádio e televisão ao vivo, o grupo se divide para fazer tudo, e gravação no Parque dos Igarapés... veredas largas entre a floresta nativa, com um quiosque e deck de frente pra água. Lá gravamos MESTRE FABICO, figura incrível, que formou um boi a partir de um sonho no qual uma índia lhe dava uma flor que nunca murcharia. O Boi Flor (de) Todo Ano está agora desestruturado, mas Mestre Fabico gravou suas belas toadas acompanhado do BOI PAI DA MALHADA, do finado seu Rufino, liderado agora pelos três filhos: Joaquim, Laurentina e Helena. Dona Laurentina canta lindamente, muitas toadas boas. O Boi tem 64 anos, promessa do pai deles a São João.

Belém tem esses espaços enormes de vista, faixas contínuas de paisagens cheias de nuances na uniformidade. O céu é sempre muito desenhado por causa das chuvas, azulão de um lado e do outro pintado em muitas gamas de PB, o riozão que a gente não vê a outra margem, aquele sem fim de água que toma os olhos também dançando toda com as luzes do vento.

23/12/04

Dia cheio. Oficina no IAP, imprensa, passeio ao Ver o Peso, montagem de som do show que foi ótimo, lotado com participação dos dois bois – que animadamente não paravam nunca de cantar, nossos dançarinos de Santarém Novo, e a parceiragem ligeira e certeira.de Seu MANEZINHO DO SAX e Thomas.

O mercado Ver-o-Peso marca porque é uma paisagem que pulsa. Um turbilhão de gente, frutas, peixes, barcos, ervas, simpatias, animais, sons, arte.

CURURUPU – MA

24/12/04

Longa viagem de Belém até Cururupu. Chegamos só às 21h15, passamos praticamente o dia todo na estrada. Lua cheia. Seu Amado, que nos esperava para o jantar, já quase desistia de nós. Purê de mandioca pra deixar lembrança. "ô, Amado!"

Chegada à pousada São José quase à meia noite. Um casarão belíssimo gerido a altos brados por dona Maria Augusta. Em frente, a matriz. Acabava a Missa do Galo. Bate uma saudade forte, uma vontade de ligar pros queridos pra contar essa montueira de coisa que dá um nó na garganta, no pensamento... fica tudo meio engastalhado. E esse telefone que não funciona, meu Deus!!!

Fomos para Aliança, um bairro próximo, ver o PASTOR de dona Concita, um auto de Natal. Atrás de duas paredes de radiola de reggae, num barracão, um palco. No canto do palco, um senhor meio mal humorado ia com uma cordinha abrindo e fechando a cortina a cada novo "ato". Enormes ornamentos (estrelas que piscavam, flores gigantescas) se penduravam nos vestidos das meninas de modo que as tornavam meio vítimas de suas roupas. Meninas lindíssimas, todo tipo de personagem valia: estrela, florista, primavera, rainhas, espanholas, sertanejos, todos "indo adorar Jesus".

25/12/04

Tarde com oficinas e gravação do BOI DE COSTA DE MÃO BRILHO DA SOCIEDADE, de seu Edmundo Silva. Explicamos pra ele o projeto, a viagem, etc. Ele, pra nós: "Eu conheço esse negócio de bolalização".

A forma de posicionar o pandeirão e o jeito de bater são o que diferencia em primeiro lugar a história do toque de costa de mão. Mas, além disso, ele é mais cadenciado. E a voz de seu Edmundo nesse universo sonoro que junta de uma maneira singular a precisão da batida com a constante impressão de que o tempo foi deixado de lado. A voz de seu Edmundo é isso, a suspensão no tempo, ela vai, vai, vai...

Seu Edmundo é de fato dos maiores artistas que conheço, toadas lindas, um coro masculino denso e firmado, cheio de harmônicos, a batucada lenta e vigorosa, toda terra, toda chão, que vai organizando a gente por dentro, e a voz dele passeando em toda tessitura, serenando acima do bem e do mal, encanto total.

Uma praça vazia, um show meio apagado. Mas com a participação do Boi de seu Edmundo. "Vai desculpando..." Também!... pleno 25 de dezembro, domingo...

QUILOMBO FRECHAL – MA

26/12/04

Dona Jovina, de maneira tão simples quanto elegante, nos recebeu em Frechal, à porta do casarão fincado num canto do espaço largo em que se distribuem as casas da comunidade. O casarão é majestoso, arejado.

Escrevo à beira do riacho, verdadeiro parque de diversões, meninas pulando de árvore altíssima, lavadeiras trabalhando, quadra de vôlei mínima onde rola um campeonato interestadual – André, Chico e Thomas desafiam time local e ganham várias. Sandra brinca com urucum, Silvana nos pinta (hoje é seu aniversário!), Pat e Ernani trançam

palha, Olindo toma planos, estou feliz.

Tarde de preguiça, as salvadoras esteiras do Chico iam se espalhando pelo quintal do lugar. No barracão, conversamos sobre a música do CONGO com seu Matias.

A gravação do Congo só começou de noite, quase sem luz. O grupo enorme, vigoroso. Dois cordões (masculino e feminino), o casal Rei e Rainha sentados e o banco de músicos atrás. Aquele misto de boi-baião-mangaba típico maranhense, balançadinho com as melodias ritmadas. A dança é incrível, em geral os homens como congado, às vezes 'cacuriando' muito gracioso, coisa de gente com o corpo muito afeito à dança. As mulheres, uma mistura de carimbó, tambor de crioula e muito giro. Dona Jovina é toda fineza e graça. Despedidas saudosas, a impressão clara de que deveríamos ter ficado mais, e o banzo do casarão.

Dia em que paramos. Com o olhar curioso de criança. Pra conversar, pra passear, pra entrar na brincadeira. Laço de amor firmado.

PIRAPEMAS – MA

27/12/04

Saída para Pirapemas, viagem longa e cansativa, mas uma paisagem deslumbrante. As chuvas ainda não chegaram. Há grandes baixadas secas cor cinza, outras de um marrom e fumaça ao longo do horizonte. É uma paisagem de gado magro. Todos eles: bois, porcos, búfalos... homens. Na estrada, o asfalto é intermitente. Ora tem, ora acabou. De Pinheiro para o sul do Maranhão, a região é chamada de baixada. Campos são espaços que inundam na época das chuvas e secam na estação seca. Agora estão quase secos, exceto por veredas rasas que formavam ruas e avenidas ao longo do descampado, onde se equilibravam casquinhos de pescadores e bichos chafurdavam. Era lindo aquele descampado nu, fértil, pleno, como lua nova se preparando para encher com as chuvas anunciadas.

Seu Manuel foi a primeira pessoa que encontramos na cidade. Fomos direto pra casa de Mãe Gildete, reencontro emocionado. Ela amorosa e acolhedora como no primeiro encontro em 1999. Trouxemos chuva.

Já é quase noite e faremos o show na Escola. Contratamos um carro de som para divulgar (15 reais a hora) e a Silvana vai divertida encarar o mico. De fato deu resultado e, a despeito dos pessimistas, parou de chover, a escola encheu e o show foi ótimo. Tocamos muitos pontos da Tenda São José, com a participação de seu Manuel, que entrou fácil na história, artista verdadeiro que é.

28/12/04

Oficina pela manhã, deliciosa, povo animadíssimo. Adoraram o jongo, cantando e dançando com gosto, lotado, quase não conseguimos encerrar. Fomos passear no juremal, mas caiu uma baita chuva.

O toque na TENDA SÃO JOSÉ como sempre foi lindo e terminou em festa, Mãe Gildete convidando para cantar enquanto as meninas rodopiavam. Depois começou a puxar os Baiões de Princesa (só sucesso!), os meninos tocando, todos cantando, felicidade completa.

Mãe Gildete é toda amor que ela espalha sem alarde. A tenda é muito harmônica. É impressionante como as pessoas cantam bem, e a formas de pergunta e resposta vão variando sem conflito, coisa pressentida e experimentada, Luizinha muito rainha.

Mãe Gildete é uma dessas raras pessoas que reúne bondade, sabedoria e amor ao próximo. Descobriu em algum momento de sua vida, há mais de vinte anos, que a sua missão não é só cuidar de sua família, mas sim semear doçura e dignidade, sendo mãe de santo. Vê isso como um privilégio, uma vida dedicada a ajudar muitas pessoas, seja pela cura, seja pelas palavras de carinho e sabedoria, seja pela ternura que transmite apenas com a sua presença.

Tivemos também que fazer força para encerrar, que o povo do COCO e MANGABA nos esperava

já. Desmonta, monta, desmonta, monta... ai que preguiça! Mal jantamos e montamos tudo de novo lá na escola. Parece que o grupo não se reunia há vários anos, aí discutiam horrores para decidir o que tocar, mas o clima era de festa. Todo o povo das oficinas foi, quis jongo de novo, dançamos coco, aprendemos a dançar mangaba (de braço e solta) e fomos festeando até cansar. Sono merecido.

SÃO LUÍS – MA

29/12/04

Viagem a São Luís, parada rápida no rio de Pirapemas para um banho.

Pai Euclides, produtor artístico experiente, já tinha as dezesseis músicas do repertório do TAMBOR DE TABOCA selecionadas, datilografadas e em ordem, a forma, o número de repetições, texto de apresentação, improvisos escritos para os meninos, tudo ok, e cantando para... Ô gente boa de música! Em uma hora tínhamos um disco pronto sem mais.

Dentre todos os mestres que convivo, Pai Euclides é dos que mais me impressiona. A vocação plena do sacerdote, a memória assombrosa, o talento de artista demais. Dançarino de graça e elegância, artesão refinado, figurinista, bordador, compositor inspirado, e a voz... Meu Deus! Onde vibra tanto harmônico naquela caixa torácica tão pequena? O jeito com que ele lança a frase para o agudo e vai deixando as notas caírem dançando que nem folha no vento, num dengo de matar! Repete nunca do mesmo jeito, alonga a nota, pairando sobre o pulso. Respiro sua voz e me sinto plena.

(Penso que são vários artistas: ele, seu Tabajara, Balanço, Corre Beira, o temível Jaguarema... talvez carregar muitos espíritos marque na memória corporal um repertório mais vasto, e exercite ferramentas outras que o artista de uma alma só não pode experimentar).

30/12/04

Fomos acordados com a notícia de que o ônibus havia sido arrombado e roubado durante a noite. Levaram câmera da Rê, teclado da Sandra, aparelho de MD, muitos MDs novos, sacolas térmicas, os CDs para vender, farmacinha, presentes do Pará. Desarranjo. Mesmo assim, oficinas pela manhã no Laborarte.

À tarde, visita a Pai Euclides. Levei fio de contas pra ele benzer. Reza em dialeto, ponto pra cabocla Juçara (Junsara). Arremate com ponta do cigarro que fumava enquanto benzia. Keka gravava algumas cenas da casa, depoimentos dele "Até quando você vai me alugar ?"... Depois se recolheu para ver sua novela, Escrava Isaura: "só vejo novela de época".

À noite fomos a Vila Passos gravar o TAMBOR DE CRIOULA de minha comadre Matilde. Clima bom de comunidade, meninada, gente de toda idade.

Há uma beleza frágil no centro histórico de São Luis. De um lado as construções históricas com suas fachadas prontas para os flashes, de outro a pobreza nos cortiços dos casarões ocupados pela população pobre, que vive das migalhas do turismo.

31/12/04

Praia em Mangue Seco pela manhã. Volta à cidade meio deserta. À noite, show no Calhau, palco armado na avenida da praia, Reveillon. Abrimos a seqüência de shows que rolariam noite afora.

Saímos direto para o hotel e de lá para a Casa Fanti Ashanti. No ônibus, comemoração da passagem do ano pelo horário de São Paulo – brindes em copos de plástico mesmo!

Chegamos meia-noite à Casa Fanti Ashanti, CANDOMBLÉ. O toque parou para os abraços de Ano Novo, hora dos cumprimentos, alegria e paz entre nós e com todos do terreiro. Pai Euclides cumprimentando. Dindinha, Zezé, Cabeca. Era como se estivéssemos sendo acolhidos por uma grande família. Sorrisos largos, branco luzente nas roupas. Lembrei do lençol branco de Oxalá, imagem que Pai Euclides usou para falar do canto para

Oxalá, Oforofô, que cantamos anos antes na Fonte do Ribeirão.

Pai Euclides lindamente vestido: túnica num tom prata, calça branca, filá branco bordado, faixa colorida amarrando a túnica. Dindinha usava a saia que a vimos passar no dia anterior. Impecável. Todas usam além das saias rendadas branquíssimas, uma calça comprida por baixo, com fino bordado na barra.

O som dos tambores na sala não podia ser melhor. Uma conga e um atabaque tocados com varetas. Uma conga mais grave com a mão. E um agogô. Agora é um dos ogâzinhos meninos quem toca o agogô. Às vezes tem maracá. E aqui o som do canto, tanto solos quanto coros, se combina muito lindo na sala.

Vão aparecendo os pontos que conhecemos do cd Candomblé do Maranhão! Os tambores são cumprimentados constantemente. Eles estão com pano amarrado com laço como quando os filhos de santo estão incorporados.

Chega o Xangô da Cabeca. Dança pegando fogo no salão, todos levantam, batem palmas acompanhando a percussão. Xangô dançarino. Ele é ao mesmo tempo a dureza, a pedra (nos passos e nos gritos) e a agilidade dançando. Tudo vai andando e envolvendo. Uma hora vem folhinha de planta para todos pegarem e cheirarem, outra hora vem uma alfazema ou outra água de cheiro pra todos se refrescarem.

Cortejo pelos arredores da casa, com os dançantes levando flores brancas. Passagem de ano mais que abençoada.

01/01/05

Saída do hotel ao meio-dia direto para a casa de HUMBERTO, o guriatã de Maracanã, cantador e compositor do Boi que existe neste bairro distante de S.Luís. Uma casa acolhedora com cômodos amplos e quintal de árvores imensas. Dá pra imaginar a festa do boi nesse quintal.

Almoço delicioso preparado pelas mulheres da casa. Três tortas, cuxá, acompanhamentos, carnes, peixe frito, até creme de cupuaçu, um sonho! Todos juntos na cozinha com mesonas que acolhiam tudo.

Na sala, um estúdio de gravação foi montado. Cantamos vários bois, sambas e pontos de cura. Humberto encantado com o que se realizava ali – gravar seus bois em sua própria sala.

Saímos de lá por volta das 20h30, depois de muitas fotos com a família. Família de muitos filhos e esposas.

Preocupação de chegar na hora para o toque de tambor de mina na Casa Fanti-Ashanti. Só sabíamos da orientação de Pai Euclides: "Se quiser ver o toque, venha cedo. Eu não vou dizer a hora que começa não".

Cheguei cedo para o toque do TAMBOR DE MINA, boa conversa com Pai Euclides no quintal arejado. Comentei minha lembrança da fala dele sobre Oxalá na Fonte do Ribeirão, há uns dois anos, quando lançamos em São Luiz o cd Baião de Princesas. Eu me lembro que uma emoção forte tomou conta de todos os presentes e foi como uma bênção, "o pano branco da paz sobre todos". Ele falou que "as pessoas de coração aberto, que se emocionam, é que sentem a paz, a transformação acontece bem no momento da emoção no coração".

No toque estão dois tambores grandes deitados, cilindros com pele dos dois lados, eles tocam de um lado só. No meio, uma moça tocando um ferro tipo sino bem grosso com baquetona grossa de madeira. Nas pontas dois xequerês grandes. Os dançantes começam muito neutros, indiferentes quase, como que imitando a dança. Vai esquentando o negócio, a roda e o ambiente vão aquecendo. Parece que o transe vai chegando aos poucos para todos da roda. Vão se colocando nos corpos, nas saias, uns panos de renda com padrões, desenhos, coisas diferentes. Vai dando uma tontura na gente de acompanhar os desenhos com a roda de dança passando bem perto.

Pai Euclides recebeu. Quem será? Mãe Maria, Oxum Abalou, a mais velha. Fumou cachimbo longo, envolta na bruma de fumaça, o olhar manso e profundo, os movimentos lentos e fluidos, todos os tempos, toda a ancestralidade ali. "Não veio no

candomblé, veio hoje", disseram. Ele bem curvado, com coluna reta para frente, pescoço todo alinhado, linda postura.

Zezé veio me chamar porque a Senhora Oxum queria falar comigo. "Deus proteja com todas as forças, com toda energia da natureza". Saindo do transe, pai Euclides faz que nem gato: espreguiçando, limpando olhos, coçando cabeça, esticando até a ponta dos pés.

O toque continuou por um bom tempo sem a presença de Pai Euclides, que voltou mais tarde. Cabeca começou a puxar uns pontos mais compridos, em que frases vão se emendando, caminhando, letra parece que é fim de frase e emenda já no começo de outro... Ao final do trabalho todos muito satisfeitos, Pai Euclides chamando a atenção para a beleza da Mina, que é "menos teatral" que o Candomblé, que é mais misteriosa...

ESTRADA – MA – PI – CE

2/1/05

A paisagem vai mudando sempre. Agora a estrada está coalhada de uma arvorezinha de galhos bem finos, além dos mandacarus e suas variações. Os cajueiros muito velhos botando rama pelo chão, que nem na música....

Em frente à Fazenda Braúna, que ostenta o nome em um portal esquálido, uma fileira de bois mortos, urubus na féria do dia. Logo adiante, casinhas com árvores de flores com cores muito fortes.

Dormimos em Picos, no Piauí, estamos seguindo para Crato no Ceará. O caminho de hoje era o sertão por excelência. A paisagem aos olhos da lente é cinematográfica. O céu está cheio de nuvens, mas nenhum sinal de chuva. A chuva ainda não veio e talvez seja muito pouco provável que venha. A paisagem de passagem parece mais desoladora e fascinante. Tudo soa bem nas lentes e triste no coração.

CRATO – CE

03/01/05

Saída de Picos, no Piauí, onde pernoitamos vindos de S.Luís, e chegada no Crato às treze horas. Dia urucado, acidentes, Mitsu já tinha se machucado assaltado na véspera, André bate a cabeça muito feio na TV do ônibus, nocaute, cai desacordado, volta muito zonzo, sonolento, ficamos muito preocupados. Paramos para ele andar um pouco, acordar, e Pat cai do ônibus ralando o braço. Enfim, vá de retro!

Verlúcia nos encontrou logo na primeira esquina. Fomos direto para o restaurante que há 50 anos não fecha (literalmente). De lá, André seguiu para Barbalha, com Chico e Angélica. Foram para o (melhor) hospital da região. Fez tomografia. Voltou todo contente: "me disseram que não tenho nada na cabeça!"...

19h, gravação do MANEIRO PAU DE MESTRE CIRILO. Maneiro-Pau do Jucá, rua Santa Isabel, Distrito Bela Vista. Mestre Cirilo, além do maneiro-pau, faz Reisado e São Gonçalo.

– Qual sua idade, mestre?

– Estou dentro dos 58.

Figura muito boa, muito animado com a "filmação", que foi bem descomplicada. O som é simples, ele solando com pandeiro, os rapazes em roda fazendo coro e batendo os jucás. Improvisa bonito, muito de memória, versos perceptivelmente re-significados, um tanto de repente.

Dona Rosária cantou uma jornada de São Gonçalo. Ela canta de um jeito suave, fica assim imóvel, impenetrável, densa... é toda música. Diz que foi "curtinho", se a pessoa faz a promessa de fazer as doze jornadas completas, tem que começar as sete da noite e terminar lá para as três da madrugada... E o promesseiro tem que ficar de joelhos esse tempo todo, haja devoção!

JUAZEIRO DO NORTE – CE

4/1/05

UNIÃO DOS ARTISTAS DA TERRA DA MÃE DE DEUS.

Chegamos às 10h, numa casa muito acolhedora. Nos esperavam: Dona Margarida, mestra do GUERREIRO JOANA D'ARC (veio de Alagoas aos 7 anos, já dançou reisado, mas "se sentia esquisita no meio só de meninos, ficava grudada nos velhos para aprender"), Mestre Antônio do REISADO DOS IRMÃOS, ZÉ DE OLIVEIRA da rabeca. Vários Mateus. Um Mateus velho dançando lindamente; agilidade, idade e força. E Maria Gomide mostrando uma desenvoltura que espantava e encantava, olhos que alumeiam.

Reisado com jovens tocando pandeiro. Maria na sanfona, Beto na rabeca. Oito homens dançando. Um canto forte e afinado. O pé de valsa Mateus velho, cada música tem um passinho diferente.

A troca se fez frutífera. Tocamos Determinei, de Mestra Virgínia. Mestra Margarida cantou várias do guerreiro. Zé de Oliveira puxou Proteção pra romeiro do Norte. Mestra Margarida puxa uma cantiga, "Boa noite, todos, eu tenho memória".

Almoço inesquecível na casa do pessoal da Carroça de Mamulengos. Os pais de Maria nos esperavam. Comemos e depois descansamos no chão fresquinho da varanda da casa.

Montagem do show na praça João Cabral, ao lado da sede da União dos Artistas. Participação de mestre Antônio e seu irmão Raimundo, Maria, Francisco, Júnior Boca (produtor local) e Beto.

CRATO – CE

5/1/05

Oficinas pela manhã, gravação à tarde e show à noite. Ufa!

O REISADO DE MESTRE ALDENIR foi espetacular pra nós! Chegamos na casa de mestre Aldenir no meio da tarde, aquele sol deixando tudo colorido. Já estavam todos prontos, fardados, os Mateus no maior alvoroço, ajudam a descarregar, fazem troça. Mestre Aldenir é muito bom de prosa, fala com gosto sobre sua vida no reisado, que chama de Reis de Congo. Os filhos, netos, todos lá, fazem a coisa só aumentar. Aldenir dirige o reisado, digamos, adulto, mas há ainda o feminino e o infantil, tudo ali ao lado de sua casa, numa palhoça gostosíssima.

Mas havia tanto adulto quanto criança. Todos guerreiros! A farda era bastante medieval (pelos saiotes e túnica), mas também futurista (pelos capacetes), combinando ainda os espelhinhos espalhados pela roupa e os tênis variadíssimos que destacavam os pés de cada brincante. Surrealista talvez a melhor categoria.

"O meu amor é quem me faz eu ir a guerra." O Reisado parte em cortejo para bater na porta de determinada pessoa. Canta as toadas de licença e chegada, faz as saudações ao Coração de Jesus e depois "é só peça de amor, de paixão, pra entreter", como diz mestre Aldenir. Mas há ainda a luta de espadas e também as figuras que surgem nos entremeios com suas músicas próprias. Vimos apenas o Jaraguá, a Burrinha e o Boi, mas há várias outras. A função completa dura a noite toda. "Isso antigamente, porque hoje o reisado dura só 10, 15 minutos".

Pra nós durou pouco mais de uma hora num fim de tarde, a poeira subindo na palhoça, a contra luz do sol, a belíssima despedida, um espetáculo mesmo!

Fiquei doente, hoje, de tristeza. Almoçamos juntos e sobrou montes de comida, que levamos embrulhada. Na praça tinha um cara pedindo, conduzindo uma senhorinha cega, e demos a sacolinha para ele. Esse homem abriu um tal sorriso tão enorme, o olho brilhando demais – é comida, mãínha, é quentinha! Eles estão dando comida pra gente, vamos levar pra fulana! Aí aquela velhinha seca botou a mão, tateando, e iluminou também o sorriso banguelo, o olho cego – e é duas, filho, é duas!

Tive que sair andando porque eu queria chorar muito. Vi que eles perambulavam o dia inteiro para

juntar alguns centavos e quem sabe no fim do dia comprar algum pão. Ganhar duas quentinhas era um prêmio de loteria. Fiquei com aquele nó, o dia todo lembrando e querendo chorar. Enfim, tive que chorar mesmo, muito, por esse povo que eu amo tanto. Porque uma gente tão predisposta ao alegrar-se, a celebrar, com tanto talento para a beleza, a generosidade, não merece isso não, não merece não.

Aqueles dois estavam muito além da miséria da fome, do dinheiro, era uma miséria de tudo, mais funda, mais doída, que não tinha sentido. Nenhuma palavra tipo cruel, indigno, desumano parece chegar perto do que eu vi ali, não sei explicar, mas me arrasou.

Maranhão é um estado paupérrimo. O povo vive muito mal, miseravelmente, alí naqueles babaçuais. Mas parece que a presença da água amacia, dá um alento, caleja menos. Ali naquele lugar seco, a vida parece mais árida mesmo, castiga mais. A miséria está ali há tanto tempo maltratando que o povo parece que acostumou, conformou. Nem sabe outro jeito.

Natal, 6 de janeiro de 1929 – Hoje é dia "dos Santos Reis" que nem inda se diz por aqui, segundo dia grande pras danças dramáticas nordestinas. Pelo Natal saíram a Chegança e o Pastoril. Pelos Reis sai o Bumba-meu-Boi. No Norte, o Boi tem como data pra sair o dia de São João. No Nordeste sai pelos Reis e se no dia 30 de dezembro passado pude assistir ao Boi do município de S.Gonçalo, isso foi uma exceção, honraria pra quem vos escreve estas notas de turista aprendiz. Também já estou popular aqui. Vivo dum lado pro outro em busca de quanta festa, quanta Chegança, quanto Boi se ensaia, quanto Coco se dança, levando pra casa quanto cantador encontro... Outro dia eu passava, um homem-do-povo cotucou o parceiro, me mostrando:

Êsse é o dotô de S.Paulo que veio studá Boi...

Se riram.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

06/01/05

Foi uma surpresa a força daquilo, o QUILOMBO. Acertamos em cheio nesse Dia de Reis. Esse Quilombo é festa rochedo, páreo para carnaval e São João, vários grupos na rua naquele solão de matar, desde bem cedo.

Acompanhamos o guerreiro, depois gravamos a BANDA CABAÇAL DE MESTRE MIGUEL, pifeiro dos bons e Mateus afamado, chefe da família mais bonita da região. E talentosa. Todos tocam tudo, cantam, dançam bem, mais uma cena ótima de duelo.

A melhor parte foi o Reisado dos Irmãos. O maior agito na rua, as 'almas' fazendo estardalhaço. De repente, o Cícero bota fogo na zabumba e só ele instaurava um clima furioso de excitação. Avante! Me sinto num filme de guerra medieval, meio sobrenatural, com aquelas figuras negras e mascaradas abrindo caminho a golpes de chicote, os guerreiros correndo com seus peitorais e espadas, era guerra, não tinha dúvida. Avançávamos em tensão rumo ao trono da rainha, aos gritos e estalos de chicote. O cenário era um capricho só, vários andares de palhas, plantas e cetim, para onde sobem a rainha e a pequeníssima princesa. O grupo se divide entre os que defenderiam a rainha e os que iriam raptá-la, e a briga foi feia. Duelavam de verdade batendo as espadas com ritmo e violência, e a assistência torcia nervosa palpitando na luta. Enfim raptam a rainha, era o jeito, e todos então cantam e dançam juntos, reisado é bom...

JOÃO PESSOA – PB

Paraíba, 28 de janeiro de 1929 – (...) Passeei (na praia de Tambaú) e foi um passeio surpreendente na Lua cheia. Logo de entrada, pra me indicar a possibilidade de bom trabalho musical por aqui, topei com os sons dum coco. O que é, o que não é: era uma crilada gasosa dançando e cantando na praia. Gente predestinada pra dançar e cantar, isso não tem dúvida. Sem método, sem os ritos coreográficos

do coco, o pessoalzindo dançava dos 5 anos aos 13, no mais! Um velhote movia o torneio batendo no bumbo e tirando a solfa. Mas o ganzá era batido por um piazote que não teria 6 anos, coisa admirável Que precocidade rítmica, puxa! O piá cansou, pediu pra uma pequena fazer a parte dele. Essa teria 8 anos certos mas era uma virtuose no ganzá. Palavra que inda não vi, mesmo nas nossas habilíssimas orquestrinhas maxixeiras do Rio, quem excedesse a paraibaninha na firmeza, flexibilidade e variedade de mover o ganzá. Custei sair dali.

08/01/05

ODETE DO PILAR e JOSÉ

No começo muitíssimo tímidos, os dois irmãos. De repente chegou de enxurrada, uma paixão com que eles fizeram esse som que não faziam há tempos! Ela com a necessidade do canto como o que mais sabe e gosta de fazer. A partir de um momento fica doida pra dançar, começa a se mostrar.

"Eu saí de casa pra cantar / Deixa o sol descer / Eu saí de casa pra cantar".

Mas se cansa. Senta, respira e recomeça com o canto forte igual. Parece que na próxima ela não terá mais voz, tamanho é o canto. Mas isso não acontece e ela canta infinitamente!

"Tenho 55 anos e não sinto uma dor no corpo. E olha que eu tive 24 filhos". Dona Odete é bonita, corpo todo certinho e forte. Braços, peitos, "quando a gente sua é que a saúde chega".

Dona Odete continua impressionando a todos que estão ali. Ela mantém o registro rascante da voz no grave e no agudo. Isso torna o agudo algo poderosíssimo. No talo. Quando conversa, muda. É toda recatada, lacônica, não se alonga na prosa, mas vai lá adiante na poesia. Conta do marido atual, que a deixou porque ela foi lá cantar. Ele é neto do outro que morreu. Não sabe ler nem escrever, aprendeu a cantar coco com o pai, "de pequena".

Ela diz que não faz mais as brincadeiras, que no sítio ninguém quer mais saber disso, "dizem que coco é coisa de velho. Mas na cidade é que estão gostando. Até na televisão."

Igaraçu, 11 de dezembro de 1928 – De noite, Stella, Ascenso e eu vamos para Olinda, casa de Alfredo de Medeiros, escutar a preta Maria Joana, filha ainda de africanos legítimos, com seus trinta anos talvez, cantar esplendidamente emboladas, sambas, marchinhas de carnaval, ritmo prodigioso, inconcebível, voz de metal, com cor de prata polida, nítida feito alfinete, formidável de encanto.

ALAGOA GRANDE – PB

9/1/05

CAIANA DOS CRIOULOS é uma comunidade remanescente de quilombo, encravada nos morros do município de Alagoa Grande, cidade de Margarida Maria Alves e Jackson do Pandeiro. O caminho é uma precária estrada de terra onde se sobe muito. É uma comunidade longe de tudo. Muito pobre.

O lugar é uma beleza. Montanhas pra todo lado, roças e casinhas pregadas em vários pontos dessa paisagem: uma azulzinha lá embaixo, uma branca lá no alto, lááááá longe outra.

Descemos o morro para chegar na sede da associação organizada pelas mulheres da comunidade. Elza e Cida na coordenação. Nos esperavam com a comida pronta e curiosidade. Cada um falou de si, sentados assim em bancos à volta da sala. Tentei dizer a importância que tinha pra mim visitar aquela comunidade. Só tentei...

A apresentação começou por volta das 19h30. Elas cantaram cocos pra gente. Depois cantamos alguns cocos e forrós pra elas dançarem animadíssimas umas com as outras.

Saímos de lá às 22h. Chegada em João Pessoa, 1h45. Pessoal ainda foi jantar. Preferi ir dormir. Sonhar com uma Caiana melhor ainda, com água, mais escolas, saneamento básico, fartura...

João Pessoa – PB

10/1/05

JUREMA DE DONA MARIA

No final da tarde fomos para a casa de dona Maria. De portão azul. O terreiro fica nos fundos da casa. Na sala onde acontece a jurema, as paredes são verde e branco, com folhagens grandes enfeitando. Os dançantes estão sentados em banquinhos bem pequenos, em roda. No centro, cachaça, velas, plantas, ervas. Uma fumaceira. Os caboclos surgindo num falatório sem fim. O que era muito impressionante também, com essas entidades a pessoa ficava fincada no chão, de uma maneira muito conectada. Tinha um cabo no microfone da câmera na porta. Aí os médiuns não conseguiam passar porque o pé não saia do chão. Tivemos que pôr o cabo atrás do degrau da porta, assim eles poderiam arrastar o pé. Muito terra. A cantoria se faz só com vozes: é a jurema de chão, que acontece toda a segunda-feira no terreiro de dona Maria, que tem ainda outro terreiro para a umbanda. Fomos cachimbados, fizemos pedidos, tomamos cachaça com jurema.

11/1/05

Thomas e Angélica foram para o encontro de RABEQUEIROS do interior do Estado.

A BARCA SANTA MARIA, de mestre Deda, como não era dia de ensaio, só conseguimos gravar com dois músicos, violão e cavaquinho, e três meninas do coro. Apesar dos desfalques, a semelhança das melodias com as que conhecemos dos registros do Mário é enorme e impressiona a todos. Apenas algumas variações sutis em finais de frase, coisas assim.

Depois da gravação, hotel e jantar de despedida em bar simpático descolado pelo Thomas, com chão de terra, cerca de varas, animais espalhados pelo quintal, e os amigos Maria Ignez e Marcos Ayala.

Paraíba, 5 de fevereiro de 1929 – Dia inteiro de trabalho sempre. Assim mesmo almocei casa do General Cavalcanti e jantei na praia de Tambaú com a gente do José Américo. Depois fomos ao bairro cruz de Alma, de operários, ver um ensaio de Caboclinhos. Formidável coreografia bruta. Mistura de instintos primitivos estonteantes, com a monotonia formidável da gaita, bombo e ganzá. Coisas de africanos, ameríndios, incaica e russa. Na dança "do sapo" 'é fato que o passo russo tão conhecido de ficar de cócoras com uma das pernas estendida e pular, estendendo a outra e cruzando a primeira, estava executado. Saí besta da sala apertada do clube, um calorão pavoroso e o cheiro dos corpos suados quando na dança de despedida, dançando então todos admiravelmente foram tomados dum frenesi dionisíaco espantoso. Saí besta, não tem dúvida.

Goiana – PE

12/1/05

CABOCLINHOS CAHETÉS

Titinha puxava o cordão da esquerda, contramestre. Um negócio que eu nunca vi. Um jogo de pés muito africano, que não dá nem para entender de tão virtuoso que é. Nunca para mim a expressão pés de vento fez tanto sentido, fico com a respiração suspensa de olhá-lo, como se algo fosse explodir naquele pânico de pés. E o cara não tem os dentes, tem 18 anos e não estuda, não tem emprego. É um deus dançarino e no entanto é incapaz de articular uma frase sobre o que faz. Dança e pronto. Tanto faz se com 50 quilos de roupa a mais, se no asfalto, na terra. O corpo resolve sozinho.

Fácil um menino desse vai atrás de emprego morar numa favela em Recife ou São Paulo, vende uns papelotes, nunca mais pés de vento.

Pernambuco. Os canaviais imensos. Aquele verde de mar balançando as folhas no vento que nem onda. Lindos e cruéis. Abolição disfarçada, gente muito estragada pelo trabalho duríssimo e o descaso dos coronéis patrões. Seu Biu Roque

perdeu um olho, o filho Mané movimentos da mão, há séculos a mesma cana miséria maltratando, e mesmo assim esse povo canta, dança, faz poesia tão lindamente... Fico pensando se toda essa beleza que me guia é obra de anjo que esteia e protesta, ou de diabo que disfarça e conforma, como o canavial, que maltrata adoçando com o açúcar, embriagando com a cachaça...

NAZARÉ DA MATA – PE

12/1/05

O lugar em que ficamos instalados é o melhor lugar da viagem até agora. Um antigo engenho transformado em pesqueiro e pousada. Com açudes, bicas, caramanchão, muito lugar pra passear e ficar fazendo nada. No café da manhã, um cuscuz de massa de mandioca e coco. De matar!

Aqui o grupo deu uma sossegada de espírito. Até recebemos o povo do coco na preguiça, para gravar aqui, estilo Mário de Andrade. Os dotôzin de São Paulo na fazenda, vêm os coqueiros da região cantar para a gente gravar na varanda. Em pro tools, que o progresso é uma fatalidade.

A batucada desse COCO DA ZONA DA MATA é uma delícia, gingadinho firmado, quaternário aparentado da ciranda e generoso com qualquer melodia. E com qualquer pé de dança, também, é impossível ficar parado.

Seu Biu Roque tem aquele jeitinho de cantar, que parece de outras esferas (como Candinho, Dona Odete, Dona Rosário). As delicadezas, a voz agudíssima e certeira de quem cantou a vida inteira botando gosto naquilo. Dá a impressão que cantaria horas a fio sem sair da posição, assim inclinadinho pro lado esquerdo. Queria tê-lo ouvido quando novo.

Nazaré da Mata é a "terra do maracatu". Quase toda a população é de alguma brincadeira, ou das orquestras de frevo rivais – a Revoltosa e a Capa Bode. Com isso a cidade tem muitos músicos, alvoroçados com nossa presença. As oficinas foram ótimas, até pleitearam uma a mais.

14/1/05

Show na praça atrás da rodoviária, do lado da igreja ("tem que esperar a missa cabar!"). Participação de Biu Roque e Mané Roque, mais os meninos da percussão. Seu Biu Roque, como na gravação da véspera, não parava mais de cantar. O fio da memória é imperativo.

RECIFE – PE

VIDA MUSICAL, Ernani Braga: A Província, Recife, 21 de fevereiro de 1929 – (...) Mário de Andrade é um apaixonado de nossas cousas. Podendo ter feito agora, em condições excepcionalmente vantajosas, uma viagem à Europa, preferiu vir ao Nordeste. Nessa nova excursão enriqueceu consideravelmente a sua já prodigiosa coleção de documentos folclóricos. Volta a São Paulo levando mais de oitocentos temas colhidos diretamente no Rio Grande do Norte, na Paraíba e aqui em Pernambuco. O que isso representa de esforço e tenacidade é inconcebível. Poderá fazer uma idéia alguém que tenha tentado, uma vez, anotar a melodia mais simples, cantada por um desses cantadores populares, interessantíssimos mas desconcertantes. Eles não cantam duas vezes da mesma forma. Nem param pra nos dar tempo de escrever. É preciso decorar a cantiga ou fazer o que Mário me contou que fez em certa ocasião que seria única para ele. Ouvia alguns compassos e saía correndo para longe.

Depois de escrevê-los, repetia a manobra. Só assim pôde conseguir o tema completo.

15/1/05

Oficinas pela manhã e show à noite na Torre Malakoff.

Mestre Walter chegou animado para tocar conosco. É fã da Barca, chegou cedo, querendo ensaiar. Parava nos detalhes, mandava repetirmos, acostumado a conduzir ensaio, no seu ofício de mestre do baque do Maracatu Estrela Brilhante.

Torceu o nariz para a alfaia levinha do André e mandou buscar um bombo de macaíba, dos grandes, que tocava com uma maestria sem igual. Sem força nem pressa tirava o som mais lindo, desenhando virtuosamente os cocos e maracatus com uma precisão absoluta, parecia fácil mesmo. Terminamos com uma ciranda, o público todo dançando – ciranda no fim não tem erro.

16/1/05

SÍTIO DE PAI ADÃO

Manuel Papai apresenta a casa pra gente num longo passeio pelo lugar. Primeiro nos levou até Iroko, a árvore sagrada que protege o sítio. Uma gameleira imensa, de mais de 150 anos, frondosa e cheia de histórias. Um tronco que vai crescendo de forma que parecem que são vários troncos retorcidos que saem do chão e vão se torcendo e assim se apoiando pra poder ir mais alto. Papai continua contando as histórias que aconteceram com o terreiro, as lutas políticas, as vitórias, e vai mostrando que além do apuro religioso, tem grande consciência política e histórica, e sabe a importância de seu trabalho na sociedade. Fico achando que faz parte do trabalho religioso do crente nas religiões de origem africana a consciência política, o engajamento, a luta por espaço, por reconhecimento. Diferente das outras religiões, em que basta ter fé.

Dentro da casa, encontramos Maria do Bonfim, Tia Mãezinha, a única filha viva de Pai Adão. Manuel Papai apresenta o projeto aos seus fiéis. Missão seríssima: "mostrar para o Brasil um pouco do Xangô de Recife".

A gravação começou às 13h. Mãezinha começa puxando os cantos e Manuel Papai vai sutilmente regendo a entrada do coro e dos ilus. Maria do Bonfim dança. Dá pra ver o que era ela dançando quando moça. Concentrada em seu passo, do qual só vemos hoje o gesto leve dos braços... dançantes, divinos.

Usam três tamanhos diferentes de ilus de tarracha, ferro e abês grandes com miçangas/sementes brancas e vermelhas. O coro canta com toda alma/emoção no agudo. Visceral. Lembro do Marcelo e da Ju que têm cantado muito assim ultimamente. Gostaria de chegar a experimentar isso também.

Os tocadores do ilu grave são inacreditáveis. A acústica da sala, os bancos de alvenaria, o ar quente, trazem o seu toque muito direto a nós. O corpo todo vibra, estrutura, órgãos. É quase violento às vezes. Eles é que puxam o visceral do canto. Lembrei muito do Ligeirinho tocando.

O toque pára com uma precisão incrível e às vezes sobra uma exclamação vocal como um cumprimento ao Orixá e também uma exaltação da beleza do canto, do axé.

O toque dos ilús é de uma força descomunal. Assusta, vibra os ossos de um jeito que as elocubrações espirituais ficam para depois, tão intensa é a sensação física. Seu Malaquias dobrando o ilu grave é de chorar. Uma elegância, força, maestria, coisa de vida inteira e mais outras, ali, concentradas. Fico hipnotizada com aquele improviso tocado de corpo inteiro, certeiro, dança de árvore enraizada fundo. Só isso já tinha valido a viagem.

Seu Malaquias puxa o canto pra Ogum. De novo me lembra o Ligeiro. Canto pra Oxum – Orumilá, melodia totalmente diferente. O ferro entra junto com o canto, de forma imprevista. Quando tudo se junta fica muito forte. Tão forte que as mulheres do coro levantam todas pra dançar.

O final foi com uma louvação a Orumilá acompanhada só com os abês, os filhos da casa em roda, e Manoel Papai mandou muito axé pra nós: "que tudo que eles puserem a mão dê certo".

18/01/05

MACEIÓ – AL

Reencontrei Mestre Verdelinho, dessa vez na sua terra. A primeira vez que ouvi Verdelinho foi através da Cumadre Florzinha, numa gravação ao vivo Telma cantando "o nosso Deus corrige o mundo pelo seu dominamento". Um assombro! Na época,

imediatamente copiei a gravação e o coco ficou ressoando muito tempo. Depois conheci o Mestre no Brincante em São Paulo, quando deu uma oficina de coco, de pagode alagoano. Verdelinho é Mestre do improviso, seja no pandeiro ou na viola, no pagode ou na cantoria. Também é mestre de guerreiro e vem sempre acompanhado de seu filho Nildo. Já prepara a continuidade da sua arte. Gravamos um pouco de tudo com ele, além da sua fala, sempre reflexiva, com muita consciência artística.

Maceió, 9 de dezembro de 1928 – (...) E está chegando o tempo de festar. Junto de árvores negras de sol, com paus e barro estão esculpindo uma barcaça de altomar. Aí dançaram cantando o fado eterno da Nau Catarineta, é a Chegança... – Sobe, sobe, meu gageiro... E a caboclada brasileira há-de repisar mais uma feita sem consciência de heranças, brasileira como alagoana, aqueles portugas do fastígio que pra voltar das aventuras passava ano e mais ano buscando terra de Espanha, areias de Portugal...

Tudo isso enche meu peito que nem posso respirar.

COQUEIRO SECO – AL

20/1/05

Em Coqueiro Seco há uma barca construída em alvenaria, usada para a CHEGANÇA SILVA JARDIM se apresentar. Mas não quiseram fazer a gravação lá porque a barca não estava devidamente enfeitada.

A Chegança de Coqueiro Seco é um diamante de precisão e delicadeza, uma mulherada afinadíssima que canta com gosto, conduzida pelo pandeiro alucinado de seu Zé Um, mais um virtuose, e Dona Luzia, pequenina fortaleza que sabe as doze horas das jornadas de cor.

A emoção de ver aqui algo que conhecia de livro. Mário de Andrade anotou uma chegança em Natal parecidíssima com essa. Já conhecia várias músicas do papel. Mas foi curto, cantaram uma hora só...

Nos divertimos, e o show improvisado no Bar Nor-Neide virou forró.

MARECHAL DEODORO – AL

Em Marechal Deodoro, a oficina do seu NELSON DA RABECA é um pouco como a vida dele. A virada que ele deu na vida, desde quando ele conheceu o violino na televisão. E começou querer fabricar, tocar. Tudo muito genuíno, muito integrado.

PORTO REAL DO COLÉGIO – AL

21/1/05

Chegamos em Propriá – SE (que fica em frente a Porto Real do Colégio – AL, do outro lado do rio) ainda com sol. Hotel Velho Chico. Luz magnífica para apreciar o verdadeiro Velho Chico, rio de água verde meio barrenta. Imenso. A vista se perde.

Esse vento quente e a presença do rio, da estrada, tudo isso dá uma preguiça, um desejo de interromper o fluxo de tudo e estar no tempo.

Show em Porto Real do Colégio: uma pracinha onde ia ser realizado um bingo logo depois. Fizemos o show do lado da pontezinha amarela. Show inspirado, muita criança, caras de interrogação!

22/01/05

Chegamos à aldeia dos KARIRI-XOCÓ e estamos num quintal delicioso com cerquinha de galhos de árvores, mangueiras e muitas plantas. Eles estão se arrumando, com pinturas diferenciadas no corpo, cada um faz a sua.

Gravação meio às pressas, pois eles precisavam voltar para o ritual do Ouricuri, de onde não poderiam ter saído. Mas vieram para cantar, e cantaram mesmo. Os torés foram fortes, coisa séria.

O canto das mulheres é bem agudo e sai

totalmente sem força, por cima da cabeça, vertical. Parece mesmo um agudo da coluna pra cima.

As vozes sempre abertas procuram nas pareias aquela textura de harmônicos que encaixa os timbres, sempre muito agudo para puxar potência. Uma sintonia de harmônicos. Você escuta, parece uma cigarra no ouvido. Thomas observou que eles parecem procurar os batimentos de afinação que produzem como que um zumbido que dá o maior barato.

A ressonância das vozes é poderosa, incisiva, atua como se fosse tambor nos nossos esqueletos ouvintes. Acho que eles buscam pela sonoridade das duas, três vozes soando junto, um pouco como os Timbira, que buscam uma textura mais politonal. O erro faz um pouco parte também.

Percussão é maracá e pé batido no chão. Eles giram em roda e usam o centro dela pra puxar algum canto, às vezes, com o maracá, ou pra dançar bem lindo em casais. Pulam num pé só, brincando. A mulher com o pé que está fora do chão em cima do pé do moço também no ar. Ora também passeiam na roda de casal, passinho igual a carimbó.

Tchydjo assovia que nem pássaro de verdade. Angélica passou o tempo todo em cima de uma árvore bem central gravando tudo com a câmera na mão.

ESTRADA – SE – BA

Agora estamos cruzando o Estado de Sergipe. O nosso caminho é a BR 101, portanto cruzamos a Zona da Mata nordestina. Os canaviais dominam a paisagem. São quilômetros e mais quilômetros de cana. Muitas já foram cortadas, só restando suas cepas e o chão nu cor de cinza e preto. Resultado de processos de queimadas que são realizadas para o corte da cana.

FEIRA DE SANTANA – BA

23/1/05

Lagoa da Camisa fica a uma hora de Feira de Santana. Pela manhã fizemos oficinas de jongo e percussão corporal e entrevistas com o grupo QUIXABEIRA.

Depois do almoço apimentado na casa do Véio, fomos para casa de dona Budu, sua mãe, para a gravação do samba de roda. Dona Budu dá um show de samba no pé. Ela tem um jeitinho diferente de dançar, uma puxadinha de pé pra trás que ninguém tem. Ela e sua companheira de microfone têm um jeito especial de bater palma. Quando não estão batendo, ficam roçando uma mão na outra. Espera, ritmo, atenção. Coro feminino cantando "amor de longe, benzinho". Muitas quadrinhas...

Uma das coisas mais lindas nas pareias, além do próprio correr das vozes, são os espaços de silêncio, de suspensão entre uma estrofe e outra. Eles esperam calmos até o momento de cantar de novo. E demoram para isso o tempo que for necessário.

Show aconteceu no centro do campinho de futebol da comunidade. O mesmo lugar onde fazem o carnaval da Mangueira (é como eles chamam o lugar). Tem uma história de que antes não havia luz e eles faziam o carnaval com lamparina, depois, com a bateria de um fusquinha. "E agora é essa coisa". Dizem que o campinho fica apinhado de gente!Depois do show ainda prepararam um jantar pra gente. Despedida com muitos abraços e beijos de dona Budu. Amor de longe, benzinho...

BOA VISTA II, SERRINHA – BA

25/01/05

Serrinha foi impressionante. A gente entrou num certo desespero com a água, coisa de instinto, ficava todo mundo se oferecendo água o tempo inteiro. Era muito seco mesmo, mas lindo. Aquele contorno de serra, o pôr-do-sol muito alaranjado. Depois nasceu a lua dourada, enorme, o tal do luar do sertão. A natureza foi bem generosa com a gente. Dava um certo constrangimento pedir água pra lavar a mão,

porque você via que ia fazer falta. Eles vinham com uma baciazinha pequena pra todo mundo lavar.

Oficinas de voz – Sandra e mulheres da região (algumas vieram de longe, caminhando mais de duas horas). Meninos na janela da casa, acompanhando o canto. Várias músicas belíssimas iam surgindo da memória delas.

Oficina de baixo e percussão – Rê e André. Era interessante ir andando pela comunidade ouvindo a junção das sonoridades: a voz das mulheres, o baixo, a bateria, o boi... Almoço bom na casa de dona Bibi.

Depois do almoço, gravação com o grupo PAVÃO DOURADO. O som do grupo é uma doçura só, coisa de menina, de flor e laço de fita, voz timbrada de nascença e na alegria de cantar. Versinhos leves de amor, de vez em quando uma tristezinha escapada do sertão duro.

As três filhas de dona Bibi fazem parte do grupo. Uma grávida de 8 meses. A avó das meninas, dona Bárbara, mãe de dona Bibi, está fraquinha mas acompanha o grupo cantando sentada atrás. Ela faz uma terça abaixo super afinada. Só ela faz essa voz.

Conversa na varanda atrás da escola com dona Gertrudes de Lima Silva, Tuninha, e sua amiga, Maria Lídia. Tuninha tem um jeito de falar que traz profundezas. Olhar duro, sorrido aveludado, aberto: "foguinho do sertão" (animação)... é o que ela e sua companheira têm de sobra! Contam que na festa pra roçar os terrenos, eles cantavam boi de roça.

O show foi montado no meio da rua, em frente à escola, e ficou apinhado de gente que subiu até o povoado de Boa Vista II especialmente pra ver nossa apresentação. Participação do Pavão Dourado. Destaque também pra Ricardo Reira, nosso produtor na Bahia que organizou tudo no maior capricho.

JEQUITIBÁ – MG

28/01/05

Aquela casa da Dona Marli parecia um cenário. Uma locação de casa de fazenda, os arreios, ferramentas, varandinha, fogão a lenha. Tudo ali era bem acabado e harmonioso. Sitiozinho de sonho para preguiçar macio, samambaia na varanda, roseiras no jardim mimado, o riachinho manso. Uma delicadeza, como a música delas. Impressionava como fazia sentido, estava tudo no lugar. Aquelas senhorinhas fazendo uma coisa muito sofisticada com uma naturalidade absoluta. Todas irmãs e primas, as vozes timbradas desde o útero. Tudo pleno. Ali deu muito dó de sair correndo. As encomendações de alma eram de prender a respiração, não dava para entender de onde saía aquele som de órgão que ia se transformando no ar, entrecortada pela voz espectral do seu Juvercino, que aumentava mais ainda a tensão. (Imaginava a própria alma encomendada pelas trombetas dos anjos)

"uma incelença tá na rua vai andando / Senhora da Piedade também vai acompanhando / respondeu Nossa Senhora, eu também vou ajudar / essa reza é muito santa e esse sol é de abrandar"

Elas vão cantando 1, 2, 3, 4... incelenças, subindo o morro com um pouco de água do riacho numas latas e jarras. Levam-nas na cabeça, equilibradas, umas sem ao menos segurar, outras suspendem à altura do ombro. Levam também umas pedras do rio. Vão caminhando assim até a capela.

Pra terminar o rito que chama chuva, continuam cantando a incelença e jogam a água que tiraram do rio na cruz em frente à capela. Depois põem as pedras nos pés da Santa Cruz.

Já na capela, começamos a gravar a ladainha e o pai, 97 anos, seu Juvercino, muito mais vigoroso que muitos de nós (na subida até a capela, ele chegou primeiro e ficou esperando por nós, calmamente), canta também.

Depois, o levantamento do mastro para São Sebastião. Volta à capela para gravação das cantigas

de roda. Depois de brincarmos de roda, voltamos para casa de Dona Marli. Almoço na varanda que dá para o quintal da casa. Vontade de ficar muito mais tempo. Promessas de voltar. Partida.

JUSTINÓPOLIS – MG

28/01/05

Chegamos em Justinópolis às 9 da noite. A comunidade nos esperava uniformizada. Todos animados, curiosos. A comunidade é mesmo um fenômeno, faixas, panfletos, comida, alta produção e o povo mais animado e caprichoso do mundo. Gravamos a FOLIA DE REIS e o CANDOMBE. Toda comunidade participou.

BH – MG

29/1/05

Pela manhã, oficinas e à noite show no Tambor Mineiro, do Tizumba. O show começou mais ou menos às 21h. Estava lotado!!!!! Mas lotado de dar dó. Fizemos o show no chão, meio imprensados entre um palquinho que não comportava a gente e o público. Não foi um show: foi um enduro.

JUSTINÓPOLIS – MG

30/1/05

Novamente todos nos esperavam fardados na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis. Montagem do estúdio na sede. Mas a primeira gravação foi pro vídeo. Entrevista com seu Zezé, Capitão-Mor do MOÇAMBIQUE. Enquanto isso, registramos o maculelê de Mestre Adão, que está morando na sede há dois anos e faz um trabalho com as crianças da Irmandade.

Pedi à Luíza pra o CONGO cantar, quando desse, o Ganga Muquixe. De presente de aniversário. E eles começaram o cortejo com essa. Caí no chão! Chorei de não me agüentar e isso estava só começando...

Depois de gravar o Congo e o Moçambique dando voltas na igreja, paramos para o almoço. Depois, gravamos o áudio, a partir da cantoria para agradecer a mesa.

Festa de aniversário moçambiqueira. Na hora de guardar os tambores, Dirceu me chamou pra perto dele. Fiquei lá, sem saber pra o quê ele tinha me chamado. Puxou um canto de parabéns. Adelmo puxou outro, o capitão mais novo... Edinha, Nenzinha e Luíza trouxeram um rosário e me vestiram com ele. Por último, seu Zezé me abençoou. Me senti sendo batizada no Rosário. É sem nenhuma possibilidade de dúvida a maior emoção que senti nos últimos anos. Não lembro de outro momento que tenha me deixado tão comovida. Depois, todos vieram me abraçar e desejar felicidades, abençoando – Irmandade.

Dia de emoção, o presente lindo para a Ju, todos chorando com o canto ancestral do seu Zezé, o agudo lâmina do congo entrando direto no coração.

O show não foi bom, som péssimo na quadra de esportes que não ajudava. Mas o público ganhou o prêmio de melhor fã clube da viagem, público mais animado. Depois do show, voltamos à Irmandade para a janta. Todos no ônibus. Foi a maior lotação da viagem. Uma grande festa. E o que variou dessa vez foi que em vez deles, éramos nós os animadores. Dirceu: "a boneca é a mesma, só mudou o penteado"..."No fim, dá certo".

31/01/05

Caminho para Guará

Todos sabíamos que aquilo não se repetiria, e o alívio e a saudade já batiam, juntos. Conversamos muito, nos gostando, rindo, lembrando belezas e trapalhadas. Lembrei do Dirceu falando da falta que sente dos companheiros quando não estão em festa, e do peso que isso tem.

GUARATINGUETÁ – SP

01/02/05

JONGO DO TAMANDARÉ

Às 15h30 estávamos saindo do hotel com Anderson e seu amigo para Tamandaré. A gravação só teve início às 20h40. Foi feita numa escola do bairro. Antes, Dona Fia e Dona Mazé deram entrevista em frente a casa delas. Fomos também falar com Togo e sua mulher. A casa dele fica ao lado da Dutra. E não é força de expressão. Enquanto tentávamos entender a fala de Togo, caminhões, carretas passavam deixando uma zoeira no lugar.

Os primeiros contatos foram cheios de cuidados. Mas quando a roda se formou, a nuvem de desconfiança se transformou em alegria. Lembrei da primeira vez que vi a roda de jongo se formar na minha frente. Uma sensação de pertencimento, de respeito e de felicidade, tudo ao mesmo tempo. Lá pelas tantas chegou Dona Tó e a roda pegou fogo só com seu sorriso e seus gritinhos suaves de exaltação.

China deslumbrante numa túnica de chita que acentuava seu bailado, Dona Araci sóbria, Togo mais doce com a situação familiar. Fez falta o Totonho, mais uma vez indisposto com a comunidade desde a última festa.

Depois de gravarmos roda tão animada, rapidamente montamos o show, que foi muito importante pra comunidade.

Finalizado o show, Dutra. Às 11 da noite já estávamos a caminho de São Paulo Capital. Ansiedade. E como diz o outro: a pressa é inimiga...O ônibus quebrou às 11h30. Arrebentou uma correia. 40 minutos depois, arrancada a correia, estávamos de volta à estrada. Chegamos à casa do Lincoln às 2h50. Colocamos todo equipamento lá dentro, cada um tirou sua maloca – dezenas de sacolinhas brancas que não lembrávamos o que continha ou de quem eram, bagunça total – e ficamos lá fora mesmo esperando táxis e namorados.

CIPÓ, EMBU-GUAÇU – SP

12/2/05

RECESSO CARNAVALESCO

Chegamos ao REDANDÁ às 22h30. A casa é uma beleza. Uma sala grande enfeitada com gravuras acima das janelas e portas, cadeiras de palha, os tambores. Um corredor, todo enfeitado de palha verde e flores, sai da lateral direita da sala, uma singeleza e um capricho que já dão a medida do cuidado com as coisas dos santos nesse lugar. Pelas 11, soou o ferro. Sinal de que as coisas estão para começar. O ferro puxa o toque dos tambores para que os dançantes entrem. Nunca tinha visto uma festa de terreiro com tantas crianças participando ativamente da cerimônia.

O salão lotado. De repente, muitos amigos de São Paulo estão no lugar: Silvana, Vivi, Ari, Mazé, Sapopemba, Paulão, Paschoal da Conceição, nosso Mário. O rito vai se seguindo em várias etapas; a cada etapa, os inkisses se apresentam. Depois do mais longo intervalo, entrada de Mãe Oxum, Dandalunda, a festejada da noite.

Muita dança de Dandalunda e Lambaranguanji. Os filhos de santo começam a comer uma espécie de pudim de farinha de arroz enrolado em folha de bananeira. Depois dos filhos de santo, uma fila imensa se forma. Todo mundo quer pegar o ebó. Ao fim da sessão, os presentes são convidados a tomar a bênção dos Inkisses.

13/2/05

Chegada ao terreiro às 2 da tarde. Conversa boa com Pai Guiamazy: "o orixá está nos detalhes", sobre a beleza que tinha sido a festa... "Um portal de energia muito grande está sendo aberto. Se ela (Oxum) chega e as coisas não estão bem feitas... Não pode". Sobre as entidades mais negativas: "só com o positivo não se acende uma luz. Precisa do negativo. Pra temperar".

15h20. Começa a Quitanda. A Ekede responsável vai ensinando ao Erê tudo o que ele precisa saber

pra se virar no mundo: peneirar o milho, pilar, roçar, varrer, pregar prego, cortar pano, subir escada. A cada nova habilidade do Erê, a assistência bate palmas e festeja. Do lado de fora da casa, num fogareiro improvisado, faz café e farofa com ovos, que são vendidos por ele para as pessoas que estão na sala.

A quitanda é aberta e chega o Aliban, uma figura toda fantasiada, tipo "otoridade" e provoca o Erê. Diz que a quitanda não podia abrir, que ele não permitiu... O Erê fica bravíssimo e vai pra cima dele. Mas pára antes. Nesse exato momento vários filhos de santo na sala incorporam. Fim da quitanda com a saída deles.

Almoço e saída para a praça onde ocorrerá o show. Show só começou depois da missa, às 20h. Thomas encontra uma dupla sensacional para participar do show: Paxá e Paixão.

Fim do último compromisso da viagem. Músicos acabados... festa deu pé!

03/05/2005

Voltamos ao REDANDÁ para gravar apenas a música, fora do toque. Fomos recebidos por Exu Onan, anfitrião poliglota de olhos muito vivos, mas quem viria gravar era seu Marujo, caboclo chefe da casa, guerreiro quilombola que viveu em Palmares, trazendo histórias e cantigas. Demoramos a começar, embalados na prosa e no pirão de banana delicioso que prepararam para nós. O pequeno Ramsés coordenava tudo, dando instruções e explicando a todos – esta é a máquina de voz...

De início ressabiado com os microfones, seu Marujo por fim se esqueceu deles e cantou com a voz de seus 400 anos, luminosa, inquebrantável. Certa hora mandou parar tudo, cantou uma cantiga longa sobre gerar e parir, olhando no olho de cada mulher, e a casa toda veio abaixo em lágrimas. A cantoria entrou pela madrugada, chegou seu Araribóia, outros caboclos foram vindo, e lá pelas tantas o jeito foi desligar tudo e cair na dança, e o samba na senzala continuou até a barra do dia.

Agora é ouvir 6 HDs de música e assistir 180 fitas MiniDV... A viagem continua!

A Barca

bandabarca • GrupoABarca1
A Barca • acervobarca